

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

QUE DIÁLOGO NA ESCOLA?

André José dos Santos¹

O tema da gestão democrática tornou-se crucial para os educadores da atualidade. A literatura que trata sobre esta temática, apresenta vários conceitos sobre gestão democrática, mas para fundamentar esta reflexão, opto pelo conceito defendido por Libâneo (2001, p.131-132), para esse autor:

a gestão democrática participativa valoriza a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão, concebe a docência como trabalho interativo, aposta na construção coletiva dos objetivos e das práticas escolares, no **diálogo** [grifo meu] e na busca de consenso.

Esta citação se faz relevante pelo fato de que a mesma respalda a proposta apresentada, enfatizando a importância do trabalho coletivo na escola. Através desta citação podemos ver que é impossível falar de gestão democrática sem falar em diálogo. Podemos afirmar que sem o diálogo uma interação humana saudável é impossível e até uma comunidade pacífica se desintegra. Buscamos, neste contexto, no educador Paulo Freire, inspiração para tratar sobre a temática “diálogo”. Para Freire (1987 p. 78).

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo, é modificá-lo. O mundo “pronunciado”, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos “pronunciantes”, a exigir deles novo “pronunciar”. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la “para” os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para “pronunciá-lo”, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.

¹ Graduado em Filosofia (UFSJ). Aluno do Curso de Pedagogia (UFSJ). Integrante do GECDiP (Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico).

O diálogo aparece aqui como condição da existência humana, a palavra verdadeira é pressuposto para a ação, para a mudança. Portanto, participar da vida escolar é dialogar e efetivar projetos coletivos. Precisamos voltar o olhar para realidade atual da escola e fazer dela a nossa reflexão. A todo instante a escola se apresenta problematizada exigindo de nós uma nova reflexão e uma nova ação. É no encontro entre os diferentes, onde se solidarizam as formas de pensar a escola, que se constituirá o diálogo verdadeiro. Este se fará entre os que compartilham o ato de dizer a palavra verdadeira, sendo esta práxis, trabalho, ação-reflexão. Este ato é direito de todos os componentes da realidade escolar, e não condição para alguns somente dizê-la (impô-la) aos outros, roubando-lhes a palavra. O diálogo verdadeiro, portanto é construído como uma tarefa comum, no encontro de todos para saber agir. Se expressa em um ato de criação, construção, não um instrumento de conquista de um sujeito a outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, conquista do mundo para libertação dos homens (FREIRE, 1987).

Freire (1987) acredita que por meio do diálogo as pessoas podem mudar o mundo e a si mesmas, é a dialética da ação e reflexão. O diálogo existe quando também há amor ao mundo e às pessoas, com humildade na hora de falar, com fé, acreditando na transformação, com confiança entre os sujeitos, com esperança em uma realidade diferente. Com um pensar crítico, que não se acomoda com o que está determinado, os oprimidos se libertam e, para isso, precisam dessa ação dialógica.

Fica evidente, portanto, que para alcançarmos uma gestão democrática e de qualidade é preciso implantar na escola uma ação dialógica que leve em conta a participação de familiares, alunos e comunidade de entorno. O conceito de participação é fundamentado no de autonomia (capacidade das pessoas e dos grupos de conduzirem suas vidas) e no de organização escolar, com objetivos coletivos e compartilhados.

Mas para que isso aconteça é necessário que a gestão democrática esteja baseada numa definição abrangente do conceito de “nós”, num compromisso de construir uma comunidade que é tanto da escola quanto da sociedade onde ela está inserida.

A Gestão democrática embora ainda que garantida pelos instrumentos organizacionais e legais escolares e dos sistemas de ensino, não se efetiva apenas pela existência desses instrumentos, uma vez que estes (conselhos, eleições, associações de pais, grêmios estudantis), isoladamente, não se fazem suficientes para a implementação da gestão democrática. Eles a auxiliam, seguramente, mas podem mesmo se tornar aparelhos burocratizantes e pouco democráticos. Como diz FREIRE(1987, p.82) “ falar

em democracia e silenciar o povo é uma farsa.” Por isso faz-se necessário que todos na escola tenham direito a palavra e esta palavra precisa ser ouvida.

O potencial da gestão só se confirmará quando as pessoas do universo escolar tomarem a democracia e o diálogo como princípio não apenas das suas relações na escola, mas como um fundamento da vida.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.